



A pureza do olhar dos índios, como o desta indiazinha, fez Maureen pensar que estava fotografando mais do que suas aparências.

XINGU E MAUREEN: IMAGENS DE UM CASO DE AMOR.

São fotos dos índios do Xingu registradas no livro de Maureen Bisilliat



A fotógrafa ficou encantada com a atitude do índio, que encara a câmera diretamente.

Quando Maureen Bisilliat conheceu o Xingu e seus personagens ficou perdidamente apaixonada pela maneira com que os índios encaravam a câmera fotográfica que ela carregava. Eram pessoas que olhavam para a câmera com um "olhar frontal, quase bizantino" — com tamanha pureza que ela concluiu que estava fotografando o ser e não a aparência daqueles indivíduos.

Foi a partir de 1971, e depois, em sucessivas incursões pelas aldeias e florestas do Xingu, que ela, uma inglesa, escoltada pelas fantásticas figuras dos irmãos Villas-Bôas, construiu as imagens de Xingu — Território Tribal. Esse livro está sendo relançado pela Editora Cultura, num trabalho em que Maureen Bisilliat cortou coisas da primeira edição e acrescentou outras, tentando, assim, repensar alguns conceitos sobre seu livro e o próprio universo do Xingu.

Nesta nova edição — esclarece Maureen —, algumas fotografias foram eliminadas, superfícies negras abandonadas e umas vinte imagens adicionadas, de modo a estender os contornos da forma humana até as florestas, brumas e águas, paisagens repentinamente necessárias.

Para Maureen, as pessoas simples, mais ligadas às suas origens, como o

sertanejo ou o índio, se postam diante do fotógrafo de uma forma direta, "sem meandros, sendo apenas o que são". Ao contrário dos "civilizados" que não sabem que faceta apresentar — e, por isso, "fazem poses" e simulações.

— Minha tarefa foi, em muitos sentidos, facilitada e até dignificada por aquilo que posso descrever como a consciência cênica do índio. Quantas vezes mantive uma expressão dentro dos limites da câmera, esperando até que um cocar fosse perfeitamente ajustado, colocada uma ou outra pulseira, dado ao corpo um toque final — não por razões de vaidade, e sim pelo justificável orgulho de ser como a pessoa é.

A grande angústia de Maureen e dos irmãos Orlando e Cláudio Villas-Bôas (os autores do texto) é a possibilidade do "ser" ou da "alma" dos índios se perder, no jogo quase inevitável da aculturação.

Os Villas-Bôas dizem que são cavaleiros andantes de uma causa perdida — a sobrevivência do índio enquanto índio —, à qual dedicaram toda a vida. Eles citam o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, que disse que era mais importante estudar as culturas índias do que a energia atômica, porque o mundo dos índios está no fim, e a era dos átomos, no começo. Para os dois irmãos, o mundo dos índios vai desaparecendo sem que conheçamos



As fotos são para Maureen um documento que protege, em beleza e dignidade, a alma dos seres do Xingu.

um milésimo dos seus segredos, mistérios e possibilidades.

Escrevendo sobre as fotos de Maureen, em que aparecem os seus irmãos índios, Ailton Crenak diz (comentando cenas de muita beleza e força poética) que esses "são os lugares sagrados da terra: os rios, as montanhas. Nesses lugares a terra repõe as suas energias para continuar a sua jornada. Nós precisamos zelar por esses lugares — cuidar desses lugares como cuidamos da nossa vida mesma".

Maureen Bisilliat criou esse documento, ao lado dos Villas-Bôas, para que a alma dos seres todos do Xingu ficasse protegida, em sua beleza e dignidade. Elas documentam um momento da história dos índios, há 20 anos, quando a sua relação com o mundo natural era ainda mais densa e funda.

O índio Megaron, cacique, diretor do Parque Nacional do Xingu que está em São Paulo, acha o livro e as fotos muito lindos — mostrando, também, a beleza dos índios.

Megaron admira a arte de Maureen. Ele tem uma pequena câmera fotográfica mas não se acha um bom fotógrafo... Mesmo assim, está mais interessado, no momento, em aprender a lidar com uma câmera de vídeo, visto que sua comunidade tem uma Panasonic.

Xingu — Território Tribal, de Maureen Bisilliat, Cláudio e Orlando Villas-Bôas, tem 200 páginas com tiragem de 5.000 exemplares e custa Cr\$ 16.400,00. Os direitos autorais do livro, que tem edição bilingüe, em português e inglês, e fotos coloridas, serão divididos com o Parque Nacional do Xingu.